

FORTENBAUGH, W.W. *Aristotle on Emotion*. Duckworth: Londres, 2002 (1975). ISBN 9780715631676, 142 p., 2ª ed.

Em 1975, o Professor Fortenbaugh publicou pela primeira vez sua seminal obra sobre as emoções em Aristóteles. Conforme ele mesmo alega (p.93), nenhuma obra antes da sua própria tentava conectar as pesquisas platônicas às aristotélicas no que toca às emoções. Trata do que há de inovador, especialmente em relação a Platão, nas investigações e nas posições aristotélicas a respeito de uma classe de eventos psicofísicos que recebeu pela primeira vez seu nome próprio – τὰ πάθη – ‘emoções’. E traz à tona as relações que ligam essas mesmas posições do Estagirita aos debates travados dentro da Academia e expostos especialmente na *República*, *Fedro*, *Timeu*, *Sofista*, *Filebo* e *Leis*.

O plano de Fortenbaugh, rigorosamente executado, se revela extremamente promissor. Primeiro porque posiciona a teoria aristotélica das emoções no interior da doutrina aristotélica das causas (p. 13, 15, 16); segundo porque afirma que o Estagirita foi capaz de explicar silogisticamente as emoções (p. 13), uma vez que identifica os termos médios de cada emoção. É promissor, pois assim inscreve com segurança o estudo das emoções no quadro das ciências demonstrativas (p. 13). Observemos a definição de raiva na *Retórica* e vejamos se a alegação de Fortenbaugh se confirmaria. Segundo Aristóteles, “seja a raiva, portanto, um desejo, acompanhado de dor, de vingança conspícua por causa de um conspícuo desprezo,

relativo a si mesmo ou relativo àqueles próximos a si, quando o desprezo não é merecido” (tradução nossa). Essa definição asseguraria o primeiro ponto acima, pois fornece uma explicação causal para a o evento psicofísico da raiva: ela seria causada pelo que se julga desprezo – o termo grego διὰ exprime com precisão a ideia de causa; por outro lado, ela determinaria uma reação proporcional a sua causa – o “desejo de vingança conspícua”.

Fortenbaugh menciona as demais causas para as emoções e reivindica para Aristóteles uma explicação suficientemente complexa para as emoções (p. 16); porém, fundamenta sua segunda alegação na causa eficiente. No exemplo acima, a causa da raiva seria uma causa eficiente, porque se refere ao que produz a raiva, não à matéria da raiva, nem à forma, nem à finalidade – se aceitarmos a doutrina das causas tal como exposta no quinto livro da *Metafísica* (1013b4 a 29), por exemplo. Essa causa eficiente seria o termo médio do silogismo prático das emoções. Isso ocorre, por sua vez, calcado em duas premissas: a de que a explicação das emoções, em termos científicos, segue o mesmo padrão de explicação de um

<sup>1</sup> “Ἐστω δὲ ὀργὴ ὄρεξι μετὰ λύπῃ τιμωρίᾳ φαινομένη διὰ φαινομένην ὀλιγωρίαν τῶν εἰς αὐτὸν ἢ τῶν αὐτοῦ, τοῦ ὀλιγωρεῖν μὴ προσήκουτδ.” (1378a31-32)

eclipse; a de que para os eventos naturais, como eclipses e chuvas, explicar a causa eficiente e investigar a essência redundam na mesma questão (*Segundos Analíticos*, 90a 14-15; 31-32; 93a 3-4). Ora, admitido que o padrão para a explicação das emoções é o do eclipse, a pergunta pela essência e a pergunta pela causa, eficiente, seriam, na verdade, somente uma pergunta (p. 13). Ou seja, ainda que a matéria, a forma e a finalidade de uma emoção sejam relevantes, é principalmente a causa eficiente, uma espécie de cognição, que permite identificar e definir cada emoção<sup>2</sup>. O termo ‘cognição’ aqui tem o papel de cobrir uma gama de reações (opinião, juízo) de cada indivíduo face a toda a classe variada de estímulos exteriores relevantes (aparições, imagens) capazes de despertar uma emoção.

A cognição, nesse sentido amplo, é o que permite distinguir as emoções de outros eventos meramente físicos, como coceiras (p. 25); cada cognição permite identificar uma emoção e diferenciá-la das demais; permite ainda compreender sua relação com a parte racional da alma. Assim se comprova que a

<sup>2</sup> Um eclipse lunar (B) é explicado pela causa ‘A’ ‘interposição da Terra entre o Sol e a Lua’: se ‘A’, então ‘B’; mas o eclipse é definido em sua essência pela interposição da Terra entre o Sol e a Lua: ‘B’ é a ocorrência de ‘A’. Igualmente, a raiva (D) é explicada pelo desprezo conspícuo contra si ou contra os seus, quando esse não é apropriado (C): se ‘C’, então ‘D’. E do mesmo modo, no argumento de Fortenbaugh, ‘D’ é definido em sua essência pela ocorrência de ‘C’, ainda que possa ter outras causas. O silogismo prático que o autor tem em mente seria: “Se raiva ocorre por causa de um conspícuo desprezo etc.; se alguém despreza conspícuamente outrem etc.; então, a raiva ocorre” (p.14).

emoção é condicionada em alguma medida por um conteúdo mental (p. 115). A cognição também identifica cada emoção. Isso porque a define por um evento causador específico, que ocorre a um indivíduo disposto de um modo específico; por último, esse evento deve suscitar a reação adequada contra o objeto adequado. É em virtude desse método que Aristóteles é capaz de diferenciar, por exemplo, raiva de ódio e indignação (τὸ νεμεσᾶν) de inveja. Para cada cognição, dados os objetos e as condições adequados, há uma emoção. E somente uma.

Delimitando melhor cada emoção e as emoções em geral, veem-se os pontos onde tocam a racionalidade humana. Ora, se de fato uma cognição é uma opinião ou juízo, em alguns casos, ou a maneira como interpretamos uma imagem, em outros, então se torna mais simples explicar como a parte irracional da alma pode interagir com e finalmente obedecer à racional – alegação aristotélica da *Ética Nicomaquea* (1102b30 ss) A maneira como encaramos certo estímulo exterior – causa possível de uma emoção – no remete à parte racional da alma: “[quando os homens sentem raiva, não são vítimas de uma força totalmente irracional (...) seu comportamento é inteligente e cognitivo no sentido de que está baseado em uma opinião que pode ser criticada e até alterada pela argumentação”<sup>3</sup> (p. 17, tradução nossa).

Aqui, emoção, localizada na parte irracional da alma, se relaciona com a razão em sentido muito preciso; a emo-

<sup>3</sup> No original: “[w]hen men are angered, they are not victims of some totally irrational force (...) their behaviour is intelligent and cognitive in the sense that it is grounded upon a belief which can be criticised and even altered by argumentation”.

ção é um comportamento inteligente e cognitivo que tem um fundamento discernível. Como, portanto, seu fundamento é identificável, o indivíduo pode ser persuadido de que o evento causador não é o caso, ou que o evento deva ser encarado de outra maneira. Mas a lição é simples: emocionar-se é razoável, dados a causa, as condições e o objeto corretos.

O estudo das emoções imporá à Retórica, por assim dizer, uma disciplina metodológica mais afim às expectativas platônicas (p. 16), tal como apontadas no *Fedro* (259e 4-6). Traria ainda consequências para a poética: demonstra que as emoções despertadas pela tragédia e comédia são determinadas por cognições em alguma medida racional; justifica a existência da tragédia e da comédia como uma forma de terapia, livrando-as da acusação de despertar somente a parte inferior da alma. E fornece uma explicação teórica para compreender e classificar as tragédias e as comédias, baseada em argumentos estritamente poéticos, ou seja, sem se referir diretamente a outros campos do conhecimento. Uma tragédia seria boa ou ruim, conforme sua maior ou menor capacidade de suscitar de maneira plausível os sentimentos de medo e de piedade, no caso da tragédia, e o sentimento do risível, no caso da comédia (p. 18-22).

Para a Política e a Ética aristotélicas, Fortenbaugh traça as linhas principais da bipartição da alma tal como defendida por Aristóteles na *Ética Nicomaquea* (1102a 25 ss). Agora estamos diante de uma teoria moral da alma humana, que possui uma correlação com uma teoria biológica da alma humana, todavia dessa se distanciando. Do ponto de vista da motivação para a ação, a alma seria constituída pela parte racional e

irracional. Aristóteles foi também capaz de reformular o conceito de virtude moral, tratando de diferentes padrões de interação social, incluindo emoções sem ação harmonizadora pré-definida; tratando de alguns padrões não-emocionais como a urbanidade (*εὐτραπεία*) e a honestidade (p. 63 ss). Apresentou ainda uma justificativa teórica para a hierarquia entre homens e mulheres, cidadãos e escravos, adultos e jovens: o princípio racional, no caso dos homens adultos e livres, é perfeito e dominante, justamente porque as emoções das parte irracional foram bem acostumadas e depois porque se aprendeu a refletir apropriadamente (p.49).

Após demonstrar brevemente quais são as inovações de Aristóteles em relação a Platão, seria preciso mostrar em que e como aquele é tributário desse e da Academia. Primeiramente chama a atenção para famosa passagem do *Filebo* (37e10), em que Sócrates associa a uma opinião falsa a um prazer. Ali, Platão relaciona os dois elementos utilizando a preposição *μετά* (“com”, “acompanhado por”). Aristóteles, provavelmente influenciado pelos debates ocorridos na Academia sobre esse ponto, reconstrói a relação em termos de causa e efeito<sup>4</sup>. Substitui *μετά* por *διά* com o fito de esclarecer a natureza dessa relação (p. 10-12): a cognição (a opinião) é a causa, a emoção (e o prazer ou dor ligado a ela) o efeito.

É igualmente interessante a aproximação entre a teoria bipartite da alma, presente na *Ética*, e as diferentes teorias da alma platônicas. Fortenbaugh estabelece uma fronteira entre a teoria ética da alma e uma teoria biológica da alma. Para a primeira, alega como antecedente

<sup>4</sup> *Tópicos* (156a32-33)

mais relevante a teoria bipartite latente nas *Leis* (p. 26); para a teoria biológica da alma, seus antecedentes seriam a *República* e o *Timeu* (p. 38-44).

Por último, menção deve ser feita à vantagem enorme que a edição de 2002 possui em relação àquela de 1975: ela inclui um “Epílogo” que dá conta das novas linhas de pesquisa desenvolvida desde a primeira edição do próprio livro, de certa maneira despertadas ou provocadas pelo escrito do próprio Fortenbaugh.

Apontamos algumas reflexões que podem nos ajudar a manter vivo o ímpeto da obra de Fortenbaugh. Primeiramente, deveríamos nos perguntar sobre quais seriam os motivos que levaram Fortenbaugh a aceitar a doutrina da demonstração dos *Segundos Analíticos* no caso das emoções. Esta obra do *Organon* tem a vantagem de relacionar a ferramenta já conhecida da definição com a recém-inaugurada ferramenta da demonstração.

Contudo, haveria alternativas. Poderíamos estudar o *Tratado das Emoções* à luz da doutrina da definição tal como descrita nos *Tópicos*. Evitaríamos a posição comprometedora de enxergar no estudo das emoções uma ciência demonstrativa, alegação que parece polêmica, dado o uso pouco rigoroso que Aristóteles faz de alguns conceitos, por exemplo de φαντασία (imaginação). O próprio Fortenbaugh reconhece isso<sup>5</sup> (p. 100). A vantagem de ligar o *Tratado das Emoções* aos *Tópicos* é que

a retórica aristotélica, desde sua abertura, se associa à dialética (1354a1), por um lado, ao passo que os *Tópicos* fornecem dados, nos livro sexto e sétimo, para a construção de definições precisas, por outro lado.

Em suma, nos pareceria difícil sustentar ao mesmo tempo e em relação ao mesmo objeto, as emoções, que (1) todas as emoções são semelhantes no serem causadas por um pensamento (“thought”), como afirma à p. 115; que (2) Aristóteles está utilizando um vocabulário do dia-a-dia sem referência à teoria biológica da alma (p. 100), a qual justamente é caracterizada por demarcar o campo de pertinência das faculdades da imaginação e do pensamento; e que (3) ele haveria formulado uma explicação (“account”) demonstrativa das emoções (p. 13). O tema é espinhoso e o professor tem o mérito indisputado de haver (re)organizado toda a área de reflexão filosófica sobre as emoções com referência a Aristóteles. É obra de elevado valor, que mereceria seguramente uma tradução para o português.

Danilo Costa Leite

Univ.de São Paulo.

E-mail: grilocosta@hotmail.com

<sup>5</sup> “[T]hroughout the account of emotions, Aristotle is using everyday language without special reference to his biological psychology.” (“Em toda a sua investigação das emoções, Aristóteles estão utilizando a linguagem do dia-a-dia se referência especial à sua psicologia biológica.” p.100)